

# APRESENTAÇÃO

## Educação para os Media na Era Digital

---

---

**ANA JORGE, CIMJ, UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA, FCT<sup>1</sup>**

**MARIA JOSÉ BRITES, CECS/UMINHO<sup>2</sup>, CIMJ E ULP**

**SÍLVIO CORREIA SANTOS, CIMJ, CEIS20, UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

O tema da educação para os media atrai um número crescente de investigadores a nível nacional e internacional, tanto da área da comunicação como da educação. Um relatório da European Science Foundation (Álvares *et al.*, 2014), elaborado para definir agendas de pesquisa dos estudos dos media na Europa, colocava a literacia dos media em foco para a próxima década, entre os principais desafios que se colocam aos estudos dos media. Com efeito, a educação para os media tem merecido uma atenção crescente, não só academicamente, mas também de entidades políticas e decisórias, acompanhando as exigências da evolução dos media cada vez mais convergentes e individualizados.

A atualidade da reflexão promovida com este número especial da revista *Media & Jornalismo* reforça-se assim – cremos – com a ligação ao campo da educação para os media em Portugal, onde significativos avanços se têm registado, em parte por pressão das entidades europeias e internacionais como a UNESCO, em parte por colaboração da própria academia (Jorge *et al.*, 2014; Costa *et al.*, 2014; Ponte e Jorge, 2010). A publicação do Referencial de Educação para os Media em 2014 (Pereira *et al.*, 2014) sinaliza precisamente um avanço no que diz respeito ao enquadramento desta temática nos ambientes educativos em contexto formal; enquanto as iniciativas de educação não-formais estão mais dispersas e deixadas sobretudo à iniciativa das entidades promotoras, que advêm dos sectores público, privado e civil. Com efeito, diversas associações, projetos e empresas (incluindo do setor dos media), frequentemente em articulação com a escola, têm promovido projetos focados em temáticas ou âmbitos diferentes no quadro da literacia mediática, como a informação, a publicidade, ou a internet. Por exemplo, o *Media Smart*, da Associação Portuguesa de Anunciantes, foca-se na literacia da publicidade, e conta com uma parceria com o Ministério de Educação e Ciência; enquanto o *MediaLab*, projeto apoiado pelo *Diário de Notícias* e *Jornal de Notícias*, se concentra na literacia das notícias e recebe nos espaços dos jornais grupos provenientes de escolas.

Este número especial da revista *Media & Jornalismo*, dedicado ao tema da Educação para os Media na Era digital, procura assim acompanhar e aprofundar essa temática no âmbito dos estudos dos media e do jornalismo em Portugal, com

---

1 Bolsa individual de pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (referência: SFRH/BPD/85311/2012), com título “Culturas de media e consumos infanto-juvenis”.

2 Bolsa individual de pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (referência: SFRH/BPD/92204/2013), com título “AN-Lite: Audiences, News and Literacy”.

uma aproximação à área da educação. Além disso, fá-lo a partir dessa posição de investigação-ação que caracterizou a experiência do projeto *RadioActive Europe: Promoting engagement, informal learning and employability of at risk and excluded people across Europe through internet radio and social media* (<http://pt.radioactive101.eu>), financiado pela Comissão Europeia através do Programa Lifelong Learning (531 245-LLP-1-2012-1-UK-KA3-KA3MP) entre 2013 e 2014.

Em Portugal, o RadioActive foi implementado em 2013 e 2014 em quatro projetos apoiados pelo Escolhas, um programa governamental de apoio à coesão social, no terreno desde 2001<sup>3</sup>. O RadioActive Europe foi distinguido pela Rede TIC e Sociedade (da Fundação para a Ciência e a Tecnologia) com o Prémio Inclusão e Literacia Digital<sup>4</sup> para, em 2015, prosseguir a expansão e aprofundamento da sua experiência, estendendo-se a seis novos centros.

O projeto RadioActive explora as potencialidades da rádio *online* para a capacitação e inclusão de jovens em ambientes de risco de exclusão e em cenários informais. Acredita-se que o envolvimento na produção da rádio em ambiente digital, como acontece com outros programas de produção mediática, consegue resultados eficazes para educar os participantes para a utilização consciente, crítica e criativa dos media (Chávez e Soep, 2005; Goodman, 2003). Neste projeto de investigação-ação participativa, os meios da rádio e da internet conjugam-se para fomentar novos horizontes de cidadania, de diálogo e de aprendizagem em ambientes fora da escola, como aquele que é oferecido pelos centros comunitários de apoio a crianças e jovens apoiados pelo programa Escolhas. Utilizando metodologias participativas, o RadioActive testou as suas potencialidades para os processos de aprendizagem e de identificação positiva dos indivíduos envolvidos com os projetos, no quadro de objetivos mais gerais de inclusão e promoção de autonomia (Brites *et al.*, 2014a; Brites *et al.*, 2014b; Brites *et al.*, 2014c; Santos *et al.*, 2015; Brites *et al.*, 2015).

## A investigação-ação: Educação, inclusão e ambientes não-formais

A área dos estudos sobre a educação para os media e da literacia mediática constitui um campo particular, já que “é um dos poucos (...) em que os académicos dos media produzem conhecimento que se destina diretamente a intervir, por oposição a análises mais abstratas e menos práticas que habitualmente produzimos” (Teurlings, 2010, p. 359). O projeto RadioActive é especialmente devedor desta perspetiva, ao reclamar-se como inspirado na filosofia pedagógica de Paulo Freire (1977) e na investigação-ação participativa, que contraria precisamente a exclusão resultante da educação formal de jovens (Cannella, 2008). Esta perspetiva implica uma dialética entre o saber e a ação que Freire sublinha (1977). não só no sentido

---

3 “O Escolhas é um programa governamental de âmbito nacional, criado em 2001, promovido pela Presidência do Conselho de Ministros e integrado no Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural – ACIDI, IP, cuja missão é promover a inclusão social de crianças e jovens de contextos socioeconómicos vulneráveis, visando a igualdade de oportunidades e o reforço da coesão social.” (in <http://www.programaescolhas.pt/apresentacao>, acesso a 31-Mar-2015).

4 A Rede TIC e Sociedade, que funciona no âmbito da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, tem como missão combater a info-exclusão e a iliteracia digital (<http://ticsociedade.pt/>).

do aprofundamento da ação pela reflexão, mas também pela compreensão dos contextos em que a ação se insere.

O diálogo internacional que Portugal tem desenvolvido em torno da educação para os media tem estabelecido ligações com a Europa e com o Brasil, sobretudo, com agendas focadas na inclusão e capacitação dos cidadãos, especialmente crianças e jovens, para a participação na vida social (Carlsson *et al.*, 2008). Com efeito, considera-se, numa linha atual que encara os media no âmago da vida quotidiana, que a inclusão e o empoderamento para o uso dos meios de comunicação pelos cidadãos são acompanhados pela necessidade do incremento da literacia cívica. Esta implica o envolvimento de diversos atores, desde os jovens, passando pelos pais e escola, até aos diversos *stakeholders* implicados na área (Brites, 2015).

Neste âmbito, com a tónica política colocada na aprendizagem ao longo da vida, os últimos anos têm vindo a ilustrar uma atenção cada vez maior para os contextos de aprendizagem não-formal, como potenciadores de metodologias com eficácia nos processos de aprendizagem, até porque as instituições educativas são mais lentas a responder às mudanças nos media (Jenkins, 2009, p. xiii). Nos ambientes informais e não-formais, as novas literacias envolvem uma dinâmica mais comunitária e social, participativa e colaborativa, do que a que é possibilitada em sala de aula, focada nas competências técnicas e analíticas, afirma Jenkins (2009).

Mais ainda, os media especificamente figuram nesse quadro como ferramentas que potenciam o envolvimento – muito em especial quando está envolvida a dimensão de produção de media –, a aquisição e reforço de competências específicas (tecnológicas, linguísticas, etc). mas também a meta-aprendizagem (Sefton-Green, 2013; Stephenson *et al.*, 2011; Drotner *et al.*, 2008).

A necessidade de uma conjugação eficaz e frutífera entre contextos formais, informais e não-formais de aprendizagem sobre os media tem-se revelado urgente face à ascensão e predomínio dos media e tecnologias digitais. “Quer na escola ou em contextos informais, a juventude precisa de oportunidades para desenvolver as capacidades e conhecimento para se envolver com a tecnologia contemporânea de forma efetiva e significativa”, reclama danah boyd (2014, p. 177). No entanto, como a mesma autora denuncia:

“a maioria dos cenários educativos formais não prioriza a competência digital, em parte por presumir que os adolescentes compreendem nativamente qualquer coisa ligada a tecnologia e em parte porque as avaliações educativas existentes não exigem esta priorização” (2014, p. 180).

Na área digital, de resto, na última década registou-se um enorme avanço ao nível da inclusão das gerações mais novas em Portugal, através de programas de incentivo governamental de grande abrangência – o e-Escolas e e-Escolinhas, permitindo acesso a computadores portáteis para uso educativo (Pereira, 2013). Contudo, também em Portugal o investimento ao nível das infraestruturas e equipamentos não encontrou paralelo ao nível do reforço das competências na educação formal (Pereira, 2013).

Na verdade, em torno dos media digitais e das mudanças que estes vieram trazer ao panorama mediático em geral agitam-se atualmente discursos contraditórios,

quer de excessivo entusiasmo quer de extremo pessimismo, sobre o impacto nas vidas dos seus utilizadores, particularmente sobre os mais novos. Esses discursos extremados relevam, uns e outros, de um determinismo tecnológico, uma crença exacerbada nas possibilidades de os media, por si sós, terem a capacidade de alterar os cursos de vida dos que os utilizam (Buckingham, 2008). Parte do discurso otimista sobre o impacto dos media digitais manifesta-se nas expressões de ‘nativos digitais’, cunhada por Marc Prensky (2001). ou de ‘geração digital’, ou ‘geração net’, como apelidada por Don Tapscott (1998). Estas expressões pressupõem que as competências digitais são inatas ou desenvolvidas naturalmente em contextos informais e de autoaprendizagem, o que parece dispensar a necessidade de investimento em educação formal para as mesmas. A perspetiva pessimista, pelo contrário, envolve, numa aceção, um discurso moralmente carregado em que se teme que as tecnologias dos media façam ‘perder a inocência’ dos que as usam, vendo os media no centro das mudanças negativas que fazem parte dos processos de evolução; ou – por outro lado – a ideia de que a tecnologia não é capaz de alterar absolutamente nada acerca das condicionantes sociais, culturais ou económicas em que os indivíduos vivem.

Assim, numa perspetiva tecnodeterminista, “a tecnologia parece emergir de um processo neutro de pesquisa e desenvolvimento científico, e não da interação de forças sociais, económicas e políticas complexas” (Buckingham, 2008, p. 11). O problema dessas conceções é que as causas e a complexidade das desigualdades são mascaradas e incompreendidas, sem capacidade de actuar sobre elas. A ideia de ‘nativos digitais’, diz boyd, “oculta a distribuição desigual de competências tecnológicas e literacia mediática entre a população jovem, apresentando um retrato desadequado dos jovens como uniformemente preparados para a era digital e ignorando o nível presumido de privilégio exigido para ser ‘nativo’” (2014, pp. 179-180). Não só a geração ou idade é característica suficiente para explicar o nível de competências para usar os media digitais, como há diferenças sociais, culturais, económicas ou até de género que é necessário ter em conta. Por outras palavras, a discussão sobre o *digital divide*, a divisão digital, não se situa apenas ao nível do acesso à tecnologia, que será apenas um primeiro nível, mas também ao nível das competências e usos, que constituem um segundo nível. Como relembram os autores, enquanto no primeiro nível se podem gerar diferenças mais simples e temporárias, os efeitos dessas diferenças no segundo nível podem ser estruturais, quer dizer, mais profundas e duradouras em termos de desigualdade social e de informação (van Dijk e van Deursen, 2014, p. 139).

Torna-se, assim, importante, por um lado, “evitar as desvantagens tanto da tecnofobia e tecnofilia quando se trata de avaliar as potencialidades dos novos media em processos de aprendizagem formal bem como em informais por parte de crianças e jovens” (Sørensen, 2001, p. 54). Por outro lado, é fundamental compreender os fatores que influenciam as diferenças na aquisição e mobilização de competências de uso e produção dos media, produzindo diagnósticos que possam informar políticas.

Nesse ponto, a avaliação de competências mediáticas, e dos esforços de educação para os media, constitui uma área ainda à procura de estabilidade, como explora o artigo assinado por Paula Lopes neste número. Nesse domínio, as abordagens

mais utilizadas passam por questionários com autoavaliação de competências, que resultam ou numa sobre- ou numa subavaliação dos níveis de competências; e também por testes de desempenho, em ambientes controlados mas artificiais (van Dijk e van Deursen, 2014). Em Portugal, um estudo piloto feito com jovens no final do ensino obrigatório foi realizado em 2014, seguindo a segunda abordagem e procurando captar os níveis de literacia de vários tipos de media (Pereira *et al.*, 2015).

Apesar de haver um consenso sobre a sua necessidade e relevância, estas avaliações confrontam-se com a dificuldade de medir competências não só técnicas e operacionais, mas também críticas e fundamentais, e tanto mais assim quando se movem para terrenos que envolvem os níveis formal, informal e não-formal de aprendizagem. Outras abordagens, mais qualitativas e do foro etnográfico, procuram captar a literacia “como uma prática social e não como um conjunto de competências autónomas” (Skaar in Drotner *et al.*, 2008). Estas abordagens procuram igualmente dar conta das ‘vidas de aprendizagem’ da ‘juventude digital’, em que a separação entre formal e informal é artificial (Erstad, 2012).

## **Apresentação do número**

Os artigos reunidos neste número aprofundam algumas das questões que aqui levantamos. O número especial abre com o artigo assinado por Rita Santos, José Azevedo e Luís Pedro, com um debate conceptual em torno das literacias digitais. Paula Lopes, como já foi referido, e também Patrícia Silveira, abordam questões relativas às metodologias para ganhar conhecimento sobre literacia entre indivíduos mais novos ou mais velhos, e as formas em que os media atuam no processo de gerar conhecimento sobre o mundo. Já Vítor Tomé apresenta os resultados do seu estudo com jovens, famílias e professores e as suas perceções de aprendizagem relativamente às redes sociais. O ambiente da escola é particularmente focado por Roseane Andrelo e Lígia Almeida, no seu artigo sobre o uso educativo do rádio no contexto brasileiro. Luís Pereira e Fábio Ribeiro trazem para a reflexão o tema das rubricas humorísticas nas rádios portuguesas e a sua relação com a informação de atualidade, a partir de uma análise da oferta mediática e das perceções de ouvintes. O número fecha com um conjunto de recensões que dão conta de obras com particular relevância e atualidade na área da educação para os media e do meio radiofónico.

## **Agradecimentos**

Os editores agradecem o apoio do Prémio Inclusão e Literacia Digital da Rede TIC e Sociedade.

## **Referências**

- boyd, d. (2014). *It's Complicated: The Social Lives of Networked Teens*. New Haven; Londres: Yale University Press.
- Brites, M. J. (2015). *Jovens e culturas cívicas: Por entre formas de consumo noticioso e de participação*. Covilhã: Livros LabCom. <http://www.livroslabcom.ubi.pt/book/128>

- Brites, M. J., Santos, S. C., Jorge, A. & Navio, C. (2014a). Problematizar para intervir: rádio online e educação para os media como estratégia de inclusão de jovens. *Observatório (OBS)*, 8(1), 145-169.
- Brites, M. J., Jorge, A. & Santos, S. C. (2014b). RadioActive: um projeto europeu de rádio online. In Eleá, I. (Ed.), *Agentes e vozes: um panorama da Mídia-Educação no Brasil, Portugal e Espanha (Yearbook 2014)*(181-186). Nordicom: University of Gothenburg.
- Brites, M. J., Ravenscroft, A., Dellow, J., Rainey, C., Jorge, A., Santos, S. C., Rees, A., Auwärter, A., Catalão, D., Balica, M. & F. Camilleri, A. (2014c). *Radioactive101 Practices*. Lisboa: Centro de Investigação Media e Jornalismo. Disponível em <http://pt.radioactive101.eu/2014/12/22/radioactive101-practices/>
- Brites, M. J., Jorge, A. & Santos, S. C. (Eds.) (2015). *Metodologias Participativas: Os media e a educação*. Covilhã: LabCom Books. <http://www.livroslabcom.ubi.pt/book/139>
- Buckingham, D. (Ed.) (2008). *Youth, Identity and Digital Media*. The John D. and Catherine T. MacArthur Foundation Series on Digital Media and Learning. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Chávez, V. & Soep, E. (2005). Youth Radio and the Pedagogy of Collegiality. *Harvard Educational Review*, 75, 409-434.
- Costa, C., Jorge, A. & Pereira, L. (2014). *Media and Information Literacy Policies in Portugal (2013)*. Paris: ANR Translit/ COST. Disponível em [http://ppemi.ens-cachan.fr/data/media/colloque140528/rapports/PORTUGAL\\_2014.pdf](http://ppemi.ens-cachan.fr/data/media/colloque140528/rapports/PORTUGAL_2014.pdf) .
- Drotner, K., Jensen, H. S., & Schrøder, K. C. (Eds.) (2008). *Informal Learning and Digital Media*. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing.
- Ertstad, O. (2012). The learning lives of digital youth—beyond the formal and informal. *Oxford Review of Education*, 38, 25-43.
- Goodman, S. (2003). *Teaching Youth Media: a critical guide to literacy, video production and social change*. Nova Iorque; Londres: Teachers College Press.
- Jenkins, H. (2009). *Confronting the Challenges of Participatory Culture: Media Education for the 21st Century*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Jorge, A., Pereira, L. & Costa, C. (2014). Práticas de educação para os media em Portugal. Uma visão panorâmica. In Eleá, I. (Ed.). *Agentes e Vozes: Um Panorama da Mídia-Educação no Brasil, Portugal e Espanha (Yearbook 2014)*(167-172). Gotemburgo: NORDICOM.
- Pereira, L. (2013). *Literacia Digital e Políticas Tecnológicas para a Educação*. Santo Tirso: De Facto Editores.
- Pereira, S., Pinto, M. & Moura, P. (2015). *Níveis de Literacia Mediática: Estudo Exploratório com Jovens do 12.º ano*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- Pereira, S., Pinto, M., Madureira, E. J., Pombo, T. & Guedes, M. (2014). *Referencial de educação para os media para a educação pré-escolar, o ensino básico e o ensino secundário*. Ministério da Educação e Ciência, Diretor-Geral da Direção-Geral da Educação. <http://hdl.handle.net/1822/30320>
- Ponte, C. & Jorge, A. (2010). Media Education in Portugal: a building site. *Journal of Media Literacy*, 57(1-2), 56-61.
- Prensky, M. (2001). Digital Natives, Digital Immigrants Part 1. *On the Horizon*, 9, 1-6.

- Santos, S., Brites, M. J., Jorge, A., Catalão, D. & Navio, C. (2015). Learning for life: A case study on the development of online community radio. *Cuadernos.info*, 36, 111-123.
- Sefton-Green, J. (2013). *Learning at Not-School: A Review of Study, Theory, and Advocacy for Education in Non-Formal Settings*. John D. and Catherine T. MacArthur Foundation Reports on Dig. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.
- Sørensen, A. S. (2001). Review Article : Media Literacy — A Core Issue in Recent Studies in Youth and New Media. *Young*, 9 (2), 53-58.
- Stephenson, B. H., Rhoten, D., Perkel, D. & Sims, C. (2011). *Digital Media and Technology in Afterschool Programs, Libraries, and Museums*. The John D. and Catherine T. MacArthur Foundation Series on Digital Media and Learning. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Tapscott, D. (1998). *Growing Up Digital: The Rise of the Net Generation*. Nova Iorque: McGraw-Hill.
- Teurlings, J. (2010). Media literacy and the challenges of contemporary media culture: On savvy viewers and critical apathy. *European Journal of Cultural Studies*, 13(3), 359-373.
- Van Dijk, J. & van Deursen, A. (2014). *Digital Skills: Unlocking the Information Society*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan.